

NO BRASIL ATUAL A POLÍTICA PARECE DITAR A ECONOMIA

O ideal para as empresas seria atuar em um mercado que não sofresse tanto com os impactos dos problemas políticos, e que desse espaço aos melhores em cada segmento industrial para competir e vencer. Ocorre, porém, que a realidade presenciada no Brasil com as descobertas de tanta corrupção, que envolvem estatais, instituições e companhias, mostra o peso das mãos do governo sobre o futuro crescimento ou déficit da economia nacional

Faz pouco mais de um mês que analistas, especialistas e economistas do JP Morgan, Fitch e XP Investimentos, entre outros profissionais, reuniram-se em São Paulo para debater temas no evento “O Brasil sob a perspectiva de Wall Street”. A iniciativa, da Amcham Brasil e do Council of the Americas, tinha por objetivo olhar para um futuro mais promissor do mercado nacional a partir das melhorias demonstradas pelos avanços das reformas trabalhistas e da Previdência.

“Parece que o Brasil virou a página”, chegou a afirmar na ocasião Ragnhild Melzi, vice-presidente do Council of the Americas para Programas de Políticas Públicas e Relações Corporativas, tal era o clima de otimismo em relação à retomada econômica. Menos de uma semana depois de declarada essa visão da executiva durante o evento, a Rede Globo entrava com seu plantão para noticiar a gravação de Joesley Batista, da JBS, envolvendo o presidente Michel Temer em atos considerados ilícitos.

Nos dias e semanas seguintes, a incerteza política gerada fez a Bovespa acionar o *circuit breaker**. Em um dos piores momentos para as empresas de papéis brasileiras nos últimos 20 anos, as projeções econômicas sofreram revisões, a agenda de reformas ficou praticamente paralisada e o governo central perdeu muito de seu capital político. Em suma, aconteceu tudo o que os especialistas não esperavam.

A instabilidade política é o principal fator que anda dificultando projeções econômicas, de acordo com Silvio Campos Neto, economista da Tendências Consultoria. “O cenário atual trouxe um risco novo, complexo e bastante contundente, que dificulta o andamento da agenda de reformas e arrisca até a

continuidade da atual política econômica, que vinha colocando as coisas em ordem.”

Não bastassem os temores sobre as incertezas atuais, ainda pairam no ar sobre o mercado as dúvidas quanto ao que poderá ocorrer no futuro. “O pior cenário é que assuma a presidência da República alguém que mude drasticamente a condução da política econômica, desfaça a equipe atual e indique a volta às políticas mais voluntaristas da Nova Matriz”, pontuou Neto, complementando que “desfechos nessa linha, de uma nova guinada na orientação”, traria os temidos e conhecidos efeitos: explosão de prêmios de risco, taxas de juros de

Por Renan Fagalde
Especial para *O Papel*



DIVULGAÇÃO/XP INVESTIMENTOS

A economista-chefe da XP, Zeina Latif, participou do evento sobre perspectivas econômicas com um olhar otimista menos de uma semana antes da gravação da JBS vir à tona e mudar o cenário



Gustavo Cruz, economista da XP investimentos, afirmou que "o tempo da política é diferente, a solução não será rápida"

mercado com fortes altas, desvalorização de ativos, piora da confiança, deterioração das contas públicas e até o retorno à recessão.

No momento, entretanto, para tentar prever como se comportará a economia, é preciso enxergar para onde irá a política brasileira. Se uma única semana de maio jogou um balde de água fria nas expectativas econômicas, o que acontecerá nas próximas semanas e meses vira uma incógnita ainda maior. Com partidos aliados no começo de junho já cortejando a possibilidade de um desembarque do governo, enquanto este decidia por oferecer um duro combate contra sua derrubada, nada está descartado.

Como disse o economista Gustavo Cruz, da XP Investimentos, "o tempo da política é diferente, a solução não será rápida, e o nome que ocupar a presidência após a crise, seja Temer ou outro, enfrentará um processo lento para reorganizar a base". Ele completou sua colocação afirmando que as atuais incertezas geradas por todas as situações do cenário político abalam a ainda frágil confiança, que começava a dar sinais de melhora, tanto da parte do consumidor quanto do empresariado.

As incertezas do mercado interno impactaram significativamente a cotação e a projeção do dólar até o fim do ano. Antes da crise política mais recente, a projeção apontava que a moeda encerraria o ano por volta de R\$ 3,10, valor que, após a terceira semana

de maio, foi sendo alterado para cerca de R\$ 3,40. Neto, contudo, alerta que "os problemas internos podem ainda causar grande volatilidade nos próximos meses". A Tendências, segundo Neto, trabalha com o dólar fechando o ano por volta de R\$ 3,35, cotação próxima à projetada pela XP, de R\$ 3,40.

O cenário externo relativamente estável é o que tem ajudado o Brasil a evitar maiores choques, mantendo, por exemplo, o câmbio estável. Não são vistos grandes problemas no horizonte do *front* externo que possam causar distúrbios na cotação da moeda norte-americana, segundo os comentários dos especialistas no encontro da Amcham Brasil e do Council of the Americas. O Federal Reserve (Banco Central dos Estados Unidos) indicou que continuará subindo sua taxa de juros lentamente, algo já esperado pelo mercado e pelos especialistas, e a China vem registrando números de crescimento acima da expectativa, ao passo que a União Europeia saiu fortalecida após a vitória de Emmanuel Macron, na França. ■



O economista da Tendências Consultoria, Silvio Campos Neto, avalia que problemas internos ainda podem causar volatilidade no dólar nos próximos meses

***Nota: Circuit breaker** – mecanismo utilizado pela bolsa de valores na ocorrência de movimentos bruscos de mercado que permitem o amortecimento e o rebalanceamento brasileiro das ordens de compra e de venda. Resumidamente, interrompe as negociações em caso de queda vertiginosa (10% ou mais) por um período de tempo, para que sejam retomadas depois, por exemplo, em caso de volatilidade exacerbada causada por notícias econômicas, políticas ou de empresas.